

Os Sales Como Pensadores Políticos

CMP 2.3.7.18

Galvão de CASTRO

Aula proferida no Curso de Literatura Campineira

— 1 —

Convém que se faça aqui uma advertência prévia. Vamos apenas dar publicidade a 2.ª parte da conferência feita no Centro de Ciências, isto é, aquela que se refere ao pensamento político de Alberto Sales, já cognominado o "Ideólogo da República".

Do pensamento de Campos Sales, eu não traí. Isso porque ele foi mais um estadista, um homem de ação, para quem a política foi mais uma sequência de problemas que demandavam soluções imediatas, do que um estudo de doutrinas e de teorias não muito práticas e aproveitáveis. Mas, como o irmão foi encarregado pelo Partido Republicano, de escrever sobre a "Política Republicana", exposta pelo paredros que estavam à testa do Partido, não há a menor dúvida de que Campos Sales estava de acordo com as idéias expandidas por Alberto Sales.

Na 1.ª parte da conferência, foi feita uma sùmula da filosofia positivista de Augusto Comte, bem como foram ali indicadas as principais alterações introduzidas no positivismo, principalmente por Littré e Spencer. Faz-se também um retrospecto das vicissitudes políticas da França durante a segunda metade do Século XIX. Isso porque o pensamento político dos autores citados, com as providências políticas tomadas por Léon Gambetta, que foi o homem forte da 3.ª República, tiveram grande repercussão aqui, no Brasil, principalmente nas Escolas Superiores, em que o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer, o cientificismo de Renan e de Taine e as várias correntes do livre - pensamento estavam em grande voga, como a última palavra da Civilização.

Foi nessa ambiência cultural que os Irmãos Sales formaram a sua consciência cívica, moral e jurídica. Assim sendo, o seu pensamento político não podia ser outro senão o liberalismo romântico e ardoroso que imperava sob as "Vestutas Arcadas" da Faculdade de Direito de São Paulo, onde mestres provetos, cultores do Direito e das Letras, arrebatavam os jovens com a magia da sua oratória, sempre elegante e cálida. Entre esses mestres de grande prestígio entre os alunos, se destacava o notável tribuno liberal, José Bonifácio, o Moço, Rui Barbosa, no elogio que dele fez, por ocasião da sua morte, declarava que se orgulhava de ter sido seu discípulo; pois segundo afirma quando o insigne professor começava a falar, um sópro magnífico (são suas palavras textuais) animava aquela inspiração caudal, incoercível, que nos magnetizava de longe na admiração e no êxtase. (Coletânea Literária, pg. 63).

O positivismo, baseado na sociologia de Augusto Comte, que minimizava as crenças filosóficas do passado, bem como as concepções filosóficas, tanto espiritualistas, como meramente racionalistas ou idealistas, tais como o criticismo de Kant e a dialética hegeliana; o positivismo, repito, que reduz todo o conhecimento humano a um mero empirismo, em que só tem validade a observação dos fatos e das leis naturais, estavam em grande voga nas escolas superiores do Brasil, no último quartel do Século XIX. Então quem não fosse positivista, era retrógado. Em consequência disso, Alberto Sales desde quando estudante, foi poderosamente influenciado pelo pensamento de Augusto Comte,

O Sr. Roberto de Paula Leite, no estudo sobre o pensamento desse ideólogo da república, publicado no n.º 178 da Revista do Arquivo Municipal do Município de São Paulo, sob o título "Província de Alberto Sales", assim se refere à formação e orientação do pensamento político desse escritor: A formação cultural de Alberto Sales quase toda ela fôra estribada nos valores positivista, integrando o seu espírito positivista um sentaçoões do francês A. Comte. E muitas vezes as citaçoões, são precedidas de encomiásticas palavras. Spencer, também, embora em menor grau viria a ser aquinhado. Mas, o positivismo de Alberto Sales nada tinha de ver com o movimento positivista, nitegrando o seu espírito positivista um sentido meramente científico. Ou seja, o seu positivismo estava subordinado ao "positivismo temporal". E isso era compreensível, pois se tratava dum espírito irreligioso e profundamente liberal. Em Demócristo, define Comte e Spencer como "os maiores Prodigios de nosso século". O que ele via em Comte não era o religioso, mas o reformador da sociedade. (O cit. pag. 196).

Foi em Herbert Spencer, considerado pelo próprio Alberto Sales, um dos dois maiores prodígios" do Século XIX, que esse diligente e inteligente moço campineiro iria encontrar o clima positivista para se fixar, por julgá-lo o mais adequado, para nêle assentar os arraiais das suas lides e excursões no campo das idéias modernas e progressistas, em que viveu e se agitou, estudando, escrevendo e sonhando sempre com um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

Mas, em vez de citar os comentários dos escritores que fizeram alusões e também críticas favoráveis ou contrárias ao pensamento político de Alberto Sales, é melhor deixar que ele mesmo, com seu estilo claro e preciso, trace o roteiro e as diretrizes do seu ideário. Eis o que ele escreve, nas "Reflexões Preliminares" do seu livro "Política Republicana": Nos tempos em que o método positivo era aplicado tão somente no estudo da natureza inorgânica, deixando-se a interpretação dos fenômenos sociais exclusivamente à metafísica e à teologia, seria mesmo impossível que não assentasse a política sobre uma base puramente empírica e irracional. Atualmente, porém, a reprodução do fato, em frente do grau de positividade que já caracteriza a mentalidade da época torna-se uma verdadeira anomalia, explicável unicamente, ou pela incompetência, ou pela incapacidade geral das classes dirigentes".

E' preciso entretanto, nos convenceremos, desde já, que os fenômenos sociais não devem mais continuar a ser interpretados pela teologia ou pela metafísica, porque nem uma nem outra, poderá nos dar uma solução exata e verdadeira do problema político, tal como ele se apresenta nos tempos modernos. O Sistema filosófico positivo é o único que atualmente nos pode salvar da extraordinária anarquia mental, que tudo ameaça subverter, e que em países novos como o nosso é capaz dos mais sérios inconvenientes".

"A harmonia entre o Estado e a evolução social, tão necessária presentemente, só poderá operar-se por uma justa aplicação das doutrinas positivas ao governo das sociedades". Vê-se, pelos tópicos citados, que Alberto Sales não teve a pretensão de ser um pensador original. Adeus com

o entusiasmo de moço, e com a fé de um neófito, já bastante instruído e plenamente convicto, dos ensinamentos do sistema filosófico positivista, que na sua opinião acima exarada, "é o único que, atualmente nos pode salvar da extraordinária anarquia mental, que tudo ameaça subverter". (palavras textuais suas).

O longo trecho que transcrevemos acima foi extraído do livro "Política Republicana pag. 14-15. Esse livro de quase 600 páginas foi escrito por Alberto Sales ainda quando era estudante na Faculdade de Direito de São Paulo, e foi publicado no ano de 1882, ano em que o talentoso moço concluiu o curso de ciências jurídicas sociais, e foi diplomado com a idade de 25 anos.

Faço aqui menção desse fato, porque ele tem bastante relevância. Isto porque nos mostra o alto grau de efervescência que então empolgava os moços acadêmicos, não somente no campo das idéias políticas, mas também na liça da política partidária, onde se entrecrocavam as opiniões divergentes e se exarcebavam as paixões incontidas.

Não é de causar grande admiração o fato de Alberto Sales haver escrito, ainda como estudante, um alentado e erudito tratado de "Política Republicana", levando-se em conta que, entre os acadêmicos de Direito da época, se havia generalizado o estudo e o debate de assuntos políticos. Tanto assim é, que as publicações e atividades puramente literárias cessaram por completo, nos meios acadêmicos. Isso porque as preocupações e as atenções dos moços estudantes estavam inteiramente voltadas para o jornalismo político e tão somente empenhadas na difusão das ideologias reformistas em voga na época, ideologias essas que, pretendiam refundir o Estado e a sociedade. Já não eram as musas, tão meigas e fagueiras do romantismo, que se entretinham e confabulavam com os jovens sentimentais e sonhadores, como nos tempos de Alvaros de Azevedo e de Fagundes Varela. Era a política, que assumindo o vulto feminino da "República", com seu barrete frígido na cabeça, e com o entôno de uma dama imponente e elegante, enfeitava e empolgava os moços ardorosos e pugnazes, com os amávios e os encantos das suas aliadoras promessas, muito mais utópicas do que realizáveis.

Alberto Sales foi um desses moços ardorosos e pugnazes de que acima falei. Pois, desde os 18 anos, quando estava estudando engenharia, em uma escola, perto de Nova Iorque, já se iniciou no jornalismo político, mandando lá dos Estados Unidos várias correspondências, que foram publicadas no Jornal "Província de São Paulo", que mais tarde se converteu no tão conhecido "Estado de São Paulo" dos nossos dias. De volta a Campinas, por ter desistido de se formar em engenharia, contando apenas 19 anos, antes de entrar na Faculdade de Direito, começou a escrever no jornal da terra "A Gazeta de Campinas". A sua primeira colaboração para esse jornal já era de cunho político, e se intitulava "A Questão Religiosa". Foi ela estampada na edição de 16 de junho de 1876 do referido órgão da imprensa local. No ano seguinte, publicou, nesse mesmo jornal, vários artigos, entre os quais este: "A fala do trono e a instrução pública"; "Negócios Americanos"; "Empregomania", etc..

1ª "Correio Popular" 29-V-1970